

Discurso de Posse como Membro Titular
Academia Mineira de Medicina
Francisco Cardoso
2 de fevereiro de 2018

I.

Como alguns sabem e outros aprenderão agora, tenho vivido vida de vagância, um judeu errante. Bem,

“Nascer pequeno, e morrer grande, é chegar a ser homem. Por isso nos deu Deus tão pouca terra para o nascimento, e tantas terras para a sepultura. Para nascer, pouca terra; para morrer, toda a terra: para nascer, Portugal: para morrer, o mundo.”

Substitua-se Portugal por Maceió e serei eu. Mas eu não sou sequer “um pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais”. Ainda assim, estou aqui na Academia Mineira de Medicina. E se esta chegada foi possível, isto deve-se a muitos. Minha vida acadêmica teve início muito cedo: com seis sete anos acompanhava meu pai, Augusto Dias Cardoso, em suas aulas de Anatomia na Universidade Federal de Alagoas e, posteriormente, também na Escola de Ciências Médicas de Alagoas. Com sua morte precoce, a importância de minha mãe, Mary Costa Cardoso, e de minhas irmãs, Analine e Magda, tornou-se mais crítica ainda. Creio que meu encontro com Minas Gerais já estava marcado antes de meu nascimento. No fim da década de 1950 papai passou algum tempo por aqui, estudando na Anatomia da Faculdade de Medicina da UFMG, quando conheceu Angelo Machado. Por uma destas coincidências felizes da vida, na década seguinte - eu já por este mundo! - sem qualquer combinação, meu pai, o Prof. Angelo Machado e a Profa. Conceição (née Ribeiro) Machado encontraram-se em Chicago, onde todos trabalharam na Northwestern University. Por dois anos, 65 a 67, fomos vizinhos de prédio. Este encontro foi absolutamente decisivo para determinar o que viria no meu futuro. No curso médico iniciado na Mauricéia e logo depois transferido de volta para Maceió, sucumbi ao amor pela Neuroanatomia. E foi paixão arrebatadora, violenta, consumptiva à la Amor de Perdição de Camilo. E minha *madeleine* não foi bolo de rolo das terras de Duarte Coelho (e por favor me aguardem pois tratarei de outros Coelhos aqui), mas sim Neuroanatomia Funcional. Aquela memória das margens do Lago Michigan foi abruptamente resgatada – não sei se Minas me convocava, mas eu a desejei e intensamente. Desejo sensual reforçado por outra paixão juvenil – Guimarães Rosa que li todo, quase que em uma sentada. À beira da Lagoa Mundaú iniciei a sério minha vida docente. Em 1987, tornei-me monitor da disciplina de Anatomia, sob a tutela de personagem indelével na minha vida, o Professor Walter Toledo de Lima – primo, padrinho, amigo e depositário de uma memória que me fascina. Aquela cidade de Maceió era ainda mais provinciana; eu vivia como se não houvesse mundo além – a extensão do universo era a Capitania de Pernambuco, onde estes meus Cardosos parecem ter se estabelecido na Colônia.

Uma digressão breve neste ponto é que sofro de doloroso *jamaís vu* – aquela Maceió, se é que existiu, não há mais. Mas sob a placidez da superfície, havia turbilhão subjacente. E em meio a este frenesi, pus-me em contato com o Casal Machado em meados da década de 1980. Conceição, em especial, acolheu-me de maneira extremamente generosa em sua casa e na vida de sua família. Ela, que foi muito mais que minha orientadora na Pós-Graduação, deve ter vencido impressão desfavorável do passado: confessou, durante a sessão de defesa de minha Dissertação de Mestrado, lembrar-se de mim apenas como uma criança de comportamento deplorável em Chicago! Sendo o mundo de fato pequeno, durante minha permanência no Instituto de Ciências Biológicas (ICB) estabeleci contato cordial com a afável Dra. Wolfganga Lenz Monteiro Boson, minha confrreira aqui na Academia e esposa do Dr. Francisco das Chagas Britto Boson, ocupante anterior da Cadeira que hoje assumo. É difícil, por vezes, manter-se resistente à ideia que o mundo é cheio de mistérios: se por um lado, separávamo-nos a especialidade, ele anestesiológista, são muitas as coincidências: além de homônimos, somos ambos nordestinos. Ele nasceu em Floriano (nome em homenagem ao alagoano Floriano Peixoto), Piauí, em 1930 e faleceu aqui em 2008. Ao longo da minha estada no ICB, brotou inquietude por desenvolver atividade clínica. E mais fidalgal ainda Conceição Machado o foi quando em 1987 comuniquei minha decisão de abandonar a ciência básica e me tornar médico.

Após este périplo, por fim comecei a carreira de Neurologista, tornando-me Residente no Serviço de Neurologia do Hospital das Clínicas, chefiado à época pelo Prof. José Teotonio de Oliveira e contando com a participação do Prof. Gilberto Belisário, então Professor Titular de Neurologia. Não me é possível superestimar a importância que o Prof. Teotonio exerceu na minha formação. O aspecto principal não é tanto sua inteligência privilegiada e seu grande conhecimento neurológico, fruto de estudo cotidiano. A marca impagável é sua metodologia: coleta rigorosa e sistemática de dados até chegar ao diagnóstico. Já o Dr. Gilberto, criador da Neurologia contemporânea em Minas Gerais, era homem de outra natureza – sua abordagem ao diagnóstico era desconcertantemente intuitiva, o que com frequência intrigava os Residentes. Como sabemos, seres humanos somos irrefreavelmente inclinados a criar e crer em mitologias. E, naturalmente, havia numerosas em circulação no Hospital das Clínicas sobre estes preceptores. A mais persistente relacionada ao Prof. Gilberto era da sua irascibilidade. Se o foi, à minha época ele havia curado completamente deste mal. Sempre foi dulcíssimo comigo, tendo me despertado para a área de Movimentos Anormais que abraçaria – aliás, outra paixão já que, naquela altura, sarara do Guimarães Rosa (afirmativa sempre perigosa de se fazer aqui no meio acadêmico e intelectual mineiro!) e da Neuroanatomia. Outra marca inesquecível do Prof. Gilberto Belisário foi sua generosidade comigo. Dentre tantos gestos de apoio, ele me introduziu ao meio neurológico

brasileiro. Em 1990, durante o Congresso Brasileiro de Neurologia no Rio de Janeiro, presidido pelo Prof. Sérgio Pereira Novis, o Prof. Belisário me apresentou ao Prof. Luiz Augusto Franco de Andrade de São Paulo, fundador e patrono da área de Distúrbios de Movimento no Brasil. Não apenas continuo a considera-lo meu mentor, já que segue em plena atividade, mas tenho a fortuna de contar com sua amizade. Características comuns a todos estes neurologistas que acabo de citar são sua anglofilia e cosmopolitismo – Prof. Gilberto e Prof. Teotonio treinaram nos Estados Unidos e Prof. Luiz Augusto na Inglaterra. Sob a tutela e influência deles dirigi-me, então, a Houston, Texas, onde um neurologista, migrante judeu que escapara sozinho da então Tchecoslováquia e sem falar uma palavra de inglês, Joseph Jankovic, havia se tornado no *enfant terrible* da área de Distúrbios de Movimentos. Os dois anos de treinamento foram duros, mas extremamente proveitosos, deixando marca irremovível em mim. Ao finalizar o agradecimento a meus mentores, necessito incluir entre eles o Prof. Andrew John Lees, nativo de Liverpool e radicado em Londres. Rigorosamente, nunca fui seu aluno, mas sua influência em mim é enorme. Não tanto por ser o mais citado autor em toda a história da doença de Parkinson ou mesmo amigo próximo seu e de sua família. Ele é personagem absolutamente original, modelo por combinar notável capacidade de genuinamente e com interesse escutar seus pacientes aliado a rigor científico. Mas o mais importante é que se mantém fiel à grande tradição de médicos como humanistas. Tradição que, tristemente, parece estar a caminho de rápida extinção. Sinto-me extremamente afortunado em ter tido ao longo da minha vida tão bons mentores.

Ao retornar a Belo Horizonte em 1993, já era docente da UFMG, e fui acolhido pela equipe da Neurologia do Hospital das Clínicas, onde me mantenho em atividade desde então. Imediatamente criei o Setor de Distúrbios de Movimentos que se mantém em funcionamento contínuo por exatos 25 anos. Neste período de tempo, atendemos milhares de pacientes de Minas Gerais e outras regiões do país. Nossa Unidade tem treinado número expressivo de alunos de graduação, médicos e pós-graduandos de todo o país e de vários outros países: Portugal, Alemanha, Itália, França, Colômbia, Costa Rica e Argentina. Há também contínua atividade científica, em especial nas áreas de movimentos anormais auto-imunes, sobretudo coreias; epidemiologia; e genética de movimentos anormais. Esta atividade intensa só é possível graças a equipe competente e dedicada de amigos e colaboradores: Profa. Sarah Camargos, Dra. Débora Maia, Dr. Mauro Cunningham e Dr. Ricardo Maciel.

Em uma vida de trabalho intenso onde se constrói muito, há também brutalidade que resulta em sacrifícios e destruições. Ao contrário do que diz o senso comum, eles não são pessoais – faz-

se o que se quer e o que se gosta. A verdade é que as punições são semeadas ao nosso redor, particularmente na família. Mesmo com os sacrifícios a que têm sido submetidos, Luciana Silviano Brandão Lopes, com quem casei aqui perto em fevereiro de 1990; Laura Lopes Cardoso, vinda a este mundo em 1996; e Eduardo Lopes Cardoso, nascido em 1998, têm fornecido apoio infalível ao longo deste caminho.

II.

“O Mineiro Só é Solidário no Câncer”. Não importa se o autor desta frase foi um Mineiro de São João del Rei ou, mais provavelmente, um excêntrico e brilhante Pernambucano que a atribuía ao pobre Mineiro. Aliás, este mesmo Nortista bradava pelas ruas do Rio afora que Guimarães era acaciano. O fato é que esta afirmativa sobre os mineiros é totalmente falsa! É verdade que a alma local tende a ser ensimesmada, traço que não raramente prejudica muito aos Mineiros e a Minas Gerais. Mas ao longo de 32 anos, mais tempo aqui do que em qualquer lugar do mundo, é flagrante para mim a receptividade e solidariedade desta Gente. Aliás, isto vem de longa data – muitos forasteiros, que haviam chegado à recém construída Belo Horizonte participaram da fundação da Faculdade de Medicina da UFMG. Dentre ele, Hugo Werneck e Ezequiel Dias, o qual tem um neto, Prof. João Carlos Pinto Dias, como ilustre membro desta Casa. E é a receptividade mineira que está por trás de como cheguei a esta Academia de Medicina.

Os sussurros sobre esta Casa comecei a escutar após meu retorno da América, quando gradualmente me enfronhava no meio médico local. A primeira alusão foi feita pelo Prof. Caio Benjamin Dias. Em minha casa havia também menções a quão entusiasmado e feliz membro desta Casa fora o avô materno de minha mulher, Dr. Affonso Silviano Brandão. Mas os convites mais concretos surgiram do meu Paraninfo, Dr Cláudio Azevedo Salles, quando Presidente da Academia e, mais recentemente, do Dr. Walter Antônio Pereira. A todos eles agradeço pelo apoio, incentivo e ... solidariedade. A pergunta que passou a me atormentar é qual a razão para se tornar membro de uma Academia nos moldes desta nossa. Indagação ainda mais pertinente já que sou membro do mundo acadêmico – por fato, desde os sete anos de idade, e, por direito, desde 1987 quando me tornei Professor Substituto de Neuroanatomia do Instituto de Ciências Biológicas e, mais ainda desde 2009, quando me alcei a Professor Titular da Faculdade de Medicina também da UFMG.

Bem sei que o mundo contemporâneo, em particular o Brasil, demoniza a ideia de Elite. Mas a primeira parte da solução para o dilema se deveria me candidatar a esta Academia é haver

percebido que ela é celebração da Elite. É difícil encontrar indivíduo que personifique melhor o que Elite deve ser do que o Patrono de minha cadeira, Levindo Eduardo Coelho. Nascido em Catas Altas de Noruega em 13 de outubro de 1871, faleceu em Ubá em 6 de junho de 1961. Ele formou-se primeiro em Farmácia em Ouro Preto em 1894 e, posteriormente, em Medicina no Rio de Janeiro em 1902. Sua vida de estudante de Medicina foi atribulada e tem ressonância com o que ocorre conosco neste momento: temerosos dos riscos do Rio de Janeiro, onde grassava a febre amarela, sua família mandou-o para a Faculdade de Medicina da Bahia. Onde ele contraiu febre amarela! e foi transportado para tratar-se no Rio de Janeiro, lá concluindo a graduação. Sobre esta enfermidade, uma breve digressão – nos discursos que se faziam em Ouro Preto ao fim do século XIX, conclamando à criação de uma Faculdade de Medicina, um dos principais argumentos era poupar as famílias mineiras da dor de perder seus filhos de febre amarela no Rio de Janeiro. Retornando ao Senador Levindo, sua carreira política se deu como líder na Zona da Mata, próximo a Raul Soares e Olegário Maciel, tendo ocupado numerosos cargos. Dentre estes destacam-se Vereador e Prefeito de Ubá, Senador Estadual, Deputado Federal, Constituinte de 45, por fim encerrando a atividade política como Senador da República. A lide política, bem conhecida, eclipsa, porém, sua carreira médica. Tão logo se formou na Escola Nacional, Levindo Coelho volta para sua querida Ubá, onde atendia pacientes sentado em cadeira de balanço. Sua atividade médica foi guiada por profundo catolicismo, de modo que cuidava gratuitamente de parcela significativa dos pacientes. Alguns fatos da sua vida são relevantes para se compreender aspectos importantes do que deve ser a Elite. Primeiro, pertencimento a esta não é definido por riqueza material, hereditariedade ou mesmo origem, quer aristocrática ou burguesa. Vindo de família modesta, quando rapazinho, mudou-se para Ouro Preto. Para sobreviver, ele vendia doces pela rua. Mesmo ao longo de sua vida continuou com hábitos franciscanos – talvez não tanto por necessidade econômica, mas possivelmente por suas profundas convicções religiosas, marcadas por ascetismo. Aliás, tão intenso, que não raro era referido como o “Monge Levindo”. Curiosamente, o primeiro ocupante desta Cadeira 90 na qual agora me sento, foi seu filho Eduardo Levindo Coelho. Nascido em 19.9.15 e falecido em 2.12.93, teve envolvimento expressivo com as Santas Casas e exerceu diversos cargos, dentre eles Presidente do Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais e o Secretário da Saúde de Minas Gerais de 1979 a 1981. Em grande contraste com seu pai, seu ser Elite passava por refinado senso estético – ele era um dândi! Mas voltando ao meu Patrono, outra característica de Elite que personificava era ser homem de letras e de estudo, através deles tendo triunfado. Que o digam suas duas graduações e também ter recebido a alcunha de “Larousse”, conforme registra Gustavo Capanema em seu emocionado obituário. Na linha de interesses intelectuais, um dos mais inusitados para a época e que o colocou à frente de seu tempo era a anglofilia:

quando se vivia sob a égide da França, este homem falava inglês. Notem que, 50 anos mais tarde, de todos os livros de Medicina de meu pai, apenas o *Manson's Tropical Diseases*, não o era em francês. Aliás, ao pé da já mencionada cadeira de balanços ficava rádio continuamente sintonizada na BBC. E mais – dava aulas de inglês em Ouro Preto, tendo tido como um de seus alunos um candidato a entrar na Escola de Minas. O rapaz, transviado, adoeceu, foi reprovado e mandado de volta para Oliveira. Mais tarde, felizmente, ele se endireitaria e daria algo na vida: Carlos Chagas. E a última característica obrigatória às Elites que desejo mencionar aqui é clareza e firmeza de propósitos. Deste modo, suas ações não são espasmos isolados, mas movimentos coordenados e com finalidade clara. E convicções definidas Levindo Coelho as tinha: na década de 1930, a exemplo do que ocorria no mundo, o Brasil foi assolado por febre fascista. Isto se passou em especial com os católicos por meio da liderança de Plínio Salgado. Isto não foi diferente em Minas Gerais, com Olegário Maciel, seu amigo e líder tendo se juntado a este grupo. Ele não arredou o pé e não sucumbiu a este canto de sereia. E o preço foi alto: pela amizade com Olegário, deve ter sido um golpe duro emocional. E politicamente, foram dias difíceis – o Partido Republicano Mineiro, no qual ele permaneceu, foi destroçado pela máquina governista. Mas, ainda assim, firme Levindo Coelho ficou. Creio, então, que a Academia Mineira de Medicina possui estas características de Elite tão claramente presentes no meu Patrono e que devem funcionar como farol a nos guiar. Infelizmente há misto de incompreensão e perversão do significado de Elite que passou a ser percebida como sinônimo de desigualdade, aprisionamento em torre de marfim, ausência de mobilidade e negação da meritocracia. Como, tristemente, é cada vez mais difícil encontrar-se Elite com as características ilustradas na vida de Levindo Coelho e cultivadas aqui na Academia Mineira de Medicina! Na verdade, creio genuinamente que a ausência desta Elite está por trás de males que afligem nossa profissão e o país em geral. Enxergo este cenário desfavorável em instituições que em maior ou menor extensão abdicaram dos princípios definidores de Elite. Por isto, a responsabilidade da Academia Mineira de preservar e promover Elite capaz de nortear os rumos da Medicina é particularmente crucial neste momento. Diante disto tudo, aceitei de bom grado o desafio me submeter ao crivo para me tornar membro desta Academia e estou orgulhoso de haver sucedido.

III.

Do que acabo de tratar é apenas parte da resposta à pergunta sobre motivos de se querer tornar membro da Academia Mineira de Medicina. Casas como esta devem ser depositárias do passado. Disto assim, soa como se eu propusesse que os Acadêmicos adentrassem em antiquário ou museu empoeirado, por lá se acomodassem e logo se tornassem cobertos de bolor.

Não se trata disto! A função, quiçá a mais nobre e elevada, de uma Academia é ir em busca do tempo perdido. E aquele que paira solitário acima de todos que se dedicam à busca do passado, escreveu em uma carta que “a atitude de um diletante que se contenta com a memória das coisas é o oposto da minha”. Esta frase do Petit Marcel aponta para a noção que o passado não é objeto a ser guardado, mas estrutura que necessita ser construída; em larga medida, uma ficção. E se trata de construção crítica, a única forma de se obter transcendência: buscar o tempo perdido, para que ele possa ser redescoberto, transfigurado e transformado no mítico pelo qual todos humanos anseiam.

E, gloriosamente, as Academias de Medicina do Brasil têm modelo supremo nesta tarefa sublime de criar o passado: Pedro Nava, nascido em Juiz de Fora em 1903, colocou grau aqui na Faculdade de Medicina em 1926, introduziu a Reumatologia no país, foi membro da Academia Nacional de Medicina e se matou no Rio de Janeiro em 1984. Nava, o nosso Orfeu, que como o poeta e médico grego, desceu ao mundo inferior em busca do enlevo e de lá, infelizmente, também não retornou. Quem o leu, particularmente “Beira Mar”, saberá porque os pássaros paravam de voar para escutar a lira de Orfeu. Este leitor terá experimentado a potente função transcendente da reconstrução estética do tempo perdido. Como resistir ao que se passa com a Belo Horizonte de 1921 a 1926, com a Faculdade de Medicina ainda no meio do mato do pedaço mais sul do Parque Municipal, a Avenida Mantiqueira, a primeira geração de professores da Escola e muito o mais; tudo se tornando objetos místicos. E me dá muita saudades; saudades do que, felizmente, nunca vivi, pois aquilo nunca existiu. Dissimulado, Nava dizia-se modernista, mas em verdade era um barroco, destes mesmos da Estrada Real, entre luminosidade e escuridão. Concedam-me, peço-lhes, a liberdade de dizer que ele foi monumento maior que todas as cidades coloniais mineiras juntas. E, mais ainda, maior que os maiores destas terras de além-mar. E escutem o que dele disse um Vampiro; e vampiro daqueles muito exigentes e que apenas se contentam com o essencial:

“Com perdão da palavra, meu caro Nava, você é uma força da natureza, uma pororoca de gênio indomável.

Para o meu gosto, ainda melhor que o Euclides, o Nabuco, o Rosa, o Graciliano, etc. Você é todos eles e mais você mesmo. E que desgraças de linguagem, que achados de anacolutos, que sabença do bicho tão pequena. E a palavra única, lindamente porca, soprada na orelha certa.”

Sendo também esta – recriar o tempo perdido - a função da Academia, tornou-se irresistível o desejo de tornar-me seu membro.

Encerro, lembrando-me de grande escritor argentino que, ao sair de jantar em Madri para celebrar o recebimento do Prêmio Cervantes, assim respondeu à amiga que desejava saber se ele estava feliz: “Felicidade é o que cada um de nós irá experimentar amanhã quando recordarmos este momento”. É assim que estarei amanhã de manhã.

Muito obrigado.